

# **A PRODUÇÃO DE TEXTO DE UM EDUCANDO, DO TERCEIRO ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL DO CICLO I, DA REDE MUNICIPAL DE GOIÂNIA**

**Lorena Evangelista Raisky<sup>1</sup>**  
**Comunicação oral; GT Língua Portuguesa e Literatura Brasileira**

## **Resumo**

Esta pesquisa etnográfica de base sociolinguística tem como objetivo analisar a produção de texto de um educando que ainda não apropriou da escrita e da leitura alfabética, no terceiro ano, agrupamento C, do Ciclo I, do ensino fundamental, da Rede Municipal de Goiânia. A pesquisa envolve analisar as produções de texto deste educando e buscar uma proposta de intervenção para que essa criança supere suas dificuldades. Assim, o texto foi dividido em duas partes: A teoria sociocultural e as concepções de alfabetização e letramento, na qual, Vygotsky (1991) suscita sobre a linguagem e as interfaces entre a aprendizagem, onde também recorreremos a Rego (2000) e Oliveira (1993). E relacionamos com as concepções de alfabetização e letramento de Soares (2011). Na segunda parte: Análise do educando W1, do terceiro ano, do ensino fundamental, da Rede Municipal de Goiânia, tendo como aporte teórico a teoria sociocultural, as concepções de alfabetização e letramento sob o ponto de vista da didática de Grossi (1990). Por último, nas considerações finais, propõe-se uma intervenção pedagógica pautada na sociolinguística para que o educando W1 concretize sua alfabetização.

**Palavras-chave:** Etnográfica; sociolinguística; sociocultural; alfabetização; letramento.

## **Introdução**

Uma discussão sobre alfabetização e letramento, atualmente, no Brasil, pode ser feita sobre vários enfoques, já que este tema por sua natureza primordialmente social é o resultado de múltiplos fatores que o regulam e o avaliam. Entre as várias abordagens acerca da alfabetização e letramento, neste texto consideram-se as concepções abordadas por Soares (2011), pois estas conferem à aprendizagem da leitura e da escrita uma natureza social, histórica e científica.

---

<sup>1</sup> Pedagoga – Professora coordenadora, do ciclo I e II, na Escola Municipal Itamar Martins Ferreira. Graduada em 2006, pela Faculdade Araguaia. Pós-graduanda no curso de Especialização em Formação de Professores em Sociolinguística e Letramento, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, previsão de conclusão agosto de 2013. E-mail: [leraisky@yahoo.com.br](mailto:leraisky@yahoo.com.br)

Na análise de Soares (2011), pode-se caracterizar a alfabetização como um processo histórico social com muitas facetas, as quais podem resultar em uma visão fragmentária do processo. Para que isso não ocorra ela ressalta que:

Uma teoria coerente da alfabetização exigiria uma articulação e integração dos estudos e pesquisas a respeito das suas diferentes facetas. Essas facetas referem-se, fundamentalmente, às perspectivas psicológicas, psicolinguística, sociolinguística e propriamente linguística do processo. (SOARES, 2011, p. 18)

Soares (2011), em suas referências, vem desde a década de 1980 pesquisando e analisando as mudanças em relação à concepção do que é alfabetização e pautando-se nas contribuições das Ciências Linguísticas. Considera-se que pensar na alfabetização sob essa perspectiva é relevante, mas, acima de tudo, é pensar no ser humano, na sua aquisição e em seu desenvolvimento oral e da escrita para que ele sinta-se inserido socialmente em uma sociedade essencialmente letrada.

Este artigo discutirá sobre o A produção de texto de um educando, do terceiro ano, do ensino fundamental do ciclo I, da Rede Municipal de Goiânia. É uma pesquisa qualitativa de base etnográfica, sociolinguisticamente orientada, que foi realizada com uma criança, que será denominada de W1, do terceiro ano, agrupamento C, do Ciclo I, do ensino fundamental, em uma escola da Rede Municipal de Goiânia, que ainda não se apropriou da leitura e escrita alfabética.

A Sociolinguística estuda as relações entre língua, cultura e sociedade. Embora o aspecto social da língua tenha chamado atenção desde cedo, pode-se dizer que é a partir de 1960, com os trabalhos sobre variação linguística de Willian Labov, que a sociolinguística passa a ser reconhecida. No Brasil só bem recentemente, na década de 80, é que se iniciou um movimento de divulgação da educação linguística. Segundo Bortoni-Ricardo (2005):

No Brasil ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade linguística no processo educacional. A ciência linguística vem, timidamente, apontando estratégias que visam aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando. Essa contribuição será tanto mais efetiva se fundamentada na convicção de que a situação sociolinguística brasileira apresenta peculiaridades que a distinguem da de outros países. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.19).

Pode-se, então, afirmar que os estudos sociolinguísticos são os que descrevem uma comunidade linguística, sua cultura, seu folclore e sua história, ou seja, é na sociedade com suas particularidades e afinidades, que as falas, os diálogos acontecem e que a comunicação ocorre. E é na interação com a língua escrita, no processo entre fala e escrita que a criança aprende, conforme a teoria psicogenética da escrita, realizadas a partir das pesquisas de Emília Ferreiro.

Nesta linha de pensamento a pesquisa qualitativa etnográfica de base sociolinguística tem a sala de aula como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. Assim, para a construção desse artigo foi necessário estudar, observar, registrar e analisar os dados coletados. “A etnografia construída com base na observação, no registro, na análise desses contextos tem-se revelado um paradigma bastante apropriado para a construção da competência científica, ética e política presentes nas atuais perspectivas de formação profissional.” (CASTANHEIRA, 2011, p.06).

Refletir a respeito do desenvolvimento da linguagem e relacioná-la com a aquisição da língua escrita é relevante, pois, através dessa vivência, pretende-se começar a compreender algumas particularidades sobre a aquisição da linguagem e as influências e contribuições dela no desenvolvimento cognitivo das crianças de oito anos de idade. Para a presente investigação levanta-se tal questionamento: Qual o estágio da leitura e da escrita do educando W1 da Rede Municipal de Goiânia?

O objetivo central deste é analisar a produção de texto do educando W1, do terceiro ano, agrupamento C, do Ciclo I, do ensino fundamental, da Rede Municipal de Goiânia. A pesquisa envolveu a análise das produções de texto deste educando e buscar uma proposta de intervenção para que essa criança supere suas dificuldades. O educando observado é acompanhado pela pesquisadora desde seu primeiro dia escolar, sendo dois anos e meio, o que contribui para o bom desenvolvimento da pesquisa e para interação entre pesquisadora, educando e família, no entanto como a pesquisadora não é professora do mesmo, a pesquisa iniciou com a análise documental, depois foram realizados alguns encontros que foram gravados com uma câmera digital e transcritos em protocolos interacionais, que são documentos importantes para o etnógrafo identificar, descrever e analisar as rotinas bem-sucedidas desses encontros. Após a pesquisadora analisou as produções textuais da criança para identificar o nível de alfabetização que o referido educando se encontra. Por fim, elaborou uma proposta de intervenção pedagógica para que o educando concretize seu processo de alfabetização.

Assim, o texto foi dividido em duas partes: A teoria sociocultural e as concepções de alfabetização e letramento, na qual, Vygotsky (1991) suscita sobre a linguagem e as interfaces entre a aprendizagem, onde também recorreremos a Rego (2000) e Oliveira (1993). E relacionamos com as concepções de alfabetização e letramento de Soares (2011).

Na segunda parte: Análise do educando W1, do terceiro ano, do ensino fundamental, da Rede Municipal de Goiânia, tendo como aporte teórico a teoria sociocultural, as concepções de alfabetização e letramento sob o ponto de vista da didática de Grossi (1990).

Por último, nas considerações finais, propõe-se uma intervenção pedagógica pautada na sociolinguística para que o educando W1 concretize sua alfabetização.

### **A teoria sociocultural e as concepções de alfabetização e letramento**

A aprendizagem está presente em todas as fases evolutivas dos seres humanos e é por meio do que se aprende e como se aprende que estes interagem com o mundo e com o outro, tornando-os seres sociáveis. No processo evolutivo dos seres humanos as concepções de aprendizagem foram sendo formuladas: Inatismo, empirismo e construtivismo. Essas concepções são de suma importância, pois ajudam a explicar como a aprendizagem ocorre e aponta caminhos a serem percorridos. E são essas concepções que auxiliam, aprimoram e estigam os pesquisadores a buscarem compreender como os seres humanos aprendem, dessa forma as concepções de alfabetização também vão passando por transformações, ora por métodos considerados redentores, ora por condená-los a supressão.

Os povos antigos sempre se questionaram como os seres humanos aprendiam e se desenvolviam, no entanto não reconheciam o cérebro como o órgão responsável por essa capacidade. Os egípcios ao embalsamar os corpos guardavam apenas as vísceras e descartavam o cérebro e os assírios consideravam que o fígado era o órgão responsável pela aprendizagem do ser humano. Hipócrates (460-379 a.C.) e Platão (427-348 a.C.), compartilhavam a tese que o cérebro era a sede da inteligência. Outros gregos descobriram e descreveram partes do sistema nervoso, um avanço gigantesco, mas ninguém associava somente o cérebro as capacidades humanas cognitivas.

Apesar de não se saber como funcionava ou qual era a origem dos pensamentos, da linguagem e da aprendizagem. O ser humano toma consciência dessas capacidades, por volta do século VII a.C. na Grécia, nasce a educação, sendo o marco da separação entre o pensamento científico<sup>2</sup> e o senso comum, pois a educação surge com o objetivo de formar um homem mais consciente de suas limitações e possibilidades.

É nesse momento que pode-se observar na história da humanidade uma tendência a criar sistemas de escrita que passam a sinalizar as partes sonoras que compõem as palavras, os primeiros alfabetos começam a surgir em várias civilizações. O uso de sinais fonéticos passa a

---

<sup>2</sup> Para MATALLO Jr. (1998, p. 16), fora Sócrates que marcou a separação entre o senso comum e o conhecimento científico. Nas suas palavras: “Em uma passagem do diálogo *Ménon*, de Platão, Sócrates faz a seguinte distinção entre opinião e ciência: ‘É assim, pois, quando as opiniões certas são amarradas, transformaram-se em conhecimento, em ciência, permanecem estáveis. Por este motivo é que dizemos ter a ciência mais valor do que a opinião certa: a ciência se distingue da opinião certa por seu encadeamento racional’. Podemos dizer que aqui começa verdadeiramente a Teoria do Conhecimento e da Ciência”.

ser criado a partir do momento em que se observa a semelhança dos sons empregados para coisas distintas. Assim, surgiu a necessidade de criar símbolos distintivos para termos semelhantes, a escrita silábica começou a ser vista como uma maneira eficiente de definir a simbologia empregada nas palavras.

No entanto, são as civilizações greco-romanas que contribuem para a formação dos alfabetos contemporâneos. Os gregos contribuíram com a introdução do uso de vogais e séculos mais tarde, graças à formação de um vasto império romano e do contato destes com os bárbaros, as línguas latinas passam a predominar em diferentes culturas.

Nesse ponto da evolução dos sistemas de escrita, a unidade que se optou por notar ou registrar externamente mudou radicalmente em relação às antigas escritas pictográficas ou ideográficas. Passa-se a expressar através da escrita, na qual a unidade deixou de ser o símbolo que representa o objeto e passa-se a registrar a sequência de fonemas e grafemas que, isoladamente, não têm significado.

Com o surgimento do sistema de escrita alfabético o ser humano marca a sua história por meio de suas descobertas, invenções, registros, criações de vários tipos. E o conhecimento da linguagem escrita torna-se fundamental, pois com o desenvolvimento do registro escrito a transferência dos conhecimentos acumulados historicamente e os contextos em que estes foram produzidos, passam a alcançar mundos que antes não conseguiriam ser alcançados pela oralidade.

Ao longo do tempo, com as evoluções tecnológicas o ser humano passa a ter maior domínio e conhecimento do funcionamento do seu corpo. O advento dessas tecnologias permite aos seres humanos do século XXI vislumbrar quão flexíveis, ativos e complexos são o corpo, a linguagem e o aprendizado humano. Com base nessas novas tecnologias é possível analisar o desenvolvimento da linguagem, assim como também mapear os circuitos e áreas cerebrais envolvidas no comportamento e em determinadas tarefas como ler, escrever, prestar atenção e memorizar.

É em decorrência dessa capacidade humana de elaboração cognitiva dos eventos, como linguagem, criatividade e raciocínio, e das teses favoráveis a interação entre pensamento e linguagem que, Vygotsky (1991) explicita a mediação e a origem das funções mentais pelo conceito de internalização. A partir dessa perspectiva, a linguagem e a consciência deixam de ser vistas como inatas, para se constituírem como sociohistoricas.

A história do desenvolvimento da linguagem não segue uma linha única, pois são várias as linhas de pesquisa como: neurolinguística, psicolinguística, sociolinguística e linguística. Essas ciências dedicam-se a essa complexa habilidade humana e trouxeram muitas

contribuições. Lev Seminovitch Vygotsky (1896-1934), viveu entre o final do século XIX e o começo do século XX, período em que as neurociências cognitivas começam a ganhar destaque.

Rego (2000, p. 39) “Vygotsky se dedicou ao estudo das chamadas funções psicológicas superiores, que consiste no modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação etc.” As neurociências cognitivas também tentavam conhecer essas funções, mas Vygotsky buscou comprovação dessas ideias por meio de experimentos com crianças e de investigações das formas de organização dos processos mentais em indivíduos de diferentes culturas.

Aprender a ler e a escrever demanda conhecer e deve-se ter em mente que o aprendizado da criança começa desde o seu nascimento. Segundo Vygotsky (1991, p.95), “aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”. Assim, fica claro que para ele aprendizado desperta o processo interno de desenvolvimento, mas a criança tem que estar inserida num contexto social. Essa concepção de que o aprendizado viabiliza o despertar dos processos internos liga o desenvolvimento da criança ao ambiente sociocultural. E é essa observação que o leva a formular um novo conceito a zona de desenvolvimento proximal.

A zona de desenvolvimento proximal “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão...” (VYGOTSKY, 1991, p. 97). Essa nova abordagem levanta a discussão e a reavaliação do papel da imitação como forma de aprendizado. Considerar, a aprendizagem do ponto de vista linguístico significa aproximar-se um pouco mais do aspecto operacional, enquanto interlocução, ou seja, dar ênfase à interação na oralidade.

A atuação da linguagem na oralidade, tem função social, interativa e comunicativa, possui a função organizadora e planejadora do pensamento. A partir dessa visão, Vygotsky (1991) busca compreender o sujeito marcado pelo seu ambiente sociocultural. Não se trata de perceber estágios ou níveis, mas sim de zonas de desenvolvimento real e proximal. A zona de desenvolvimento real é o que a criança já sabe. A zona desenvolvimento proximal é capacidade que a crianças tem de imitar, de interagir seguindo instruções ou pistas do outro, para assim adquirir novas habilidades. Nesse caso, o papel do outro é fundamental para a construção da aprendizagem e do desenvolvimento interno.

Vygotsky (1991), ao tratar da linguagem, estava interessado em um modelo de mediação do comportamento humano. Ao abordar o desenvolvimento intelectual e linguístico das crianças, ele relacionou a organização do pensamento na interiorização do diálogo, em

fala interior. Abordando uma nova maneira de perceber os conceitos espontâneos das crianças. É a organização do pensamento, a capacidade de planejar que confere um lugar central ao esforço de aprender a dominar a natureza, como um instrumento que nos liberta dos esforços e resultados anteriores.

Aos poucos, a fala socializada, que antes era dirigida ao adulto para resolver um problema, é internalizada, ou seja, a criança passa a apelar para si mesma para solucionar uma questão: é o chamado discurso indireto. Deste modo, além das funções emocionais e comunicativas, a fala começa a ter também a função planejadora. (REGO, 2000, p. 66)

Como pode-se observar os estágios transitório da fala oral para a fala interior não desaparecem, eles transforma-se. Ao analisar o papel do egocentrismo na relação evolutiva entre a linguagem e o pensamento, levando em conta o processo sociohistorico, a aprendizagem da criança acontece através de suas experiências cotidianas, no contato com as pessoas, com seu meio, com sua cultura. A contribuição de Vygotsky (1991) às questões escolares, na alfabetização, constitui-se em uma concepção de que as funções psíquicas do individuo são construídas na medida em que são utilizadas, sempre na dependência das relações culturais da humanidade, através das relações interpessoais, dentro da sociedade à qual pertence.

Embora Vygotsky enfatize o papel da intervenção no desenvolvimento, seu objetivo é trabalhar com a importância do meio cultural e das relações entre indivíduos na definição de um percurso de desenvolvimento da pessoa humana, e não propor uma pedagogia diretiva, autoritária. Nem seria possível supor, a partir de Vygotsky, um papel de receptor passivo do educando: Vygotsky trabalha explícita e constantemente com a ideia de reconstrução, de reelaboração, por parte do indivíduo, dos significados que lhe são transmitidos pelo grupo cultural. (OLIVEIRA, 1993, p. 30)

Através dessas relações, a criança entra em contato com o mundo, gerando o aprendizado, por meio das experiências vividas e acumuladas. Para que isto ocorra, na situação escolar, Vygotsky (1991) defende a ideia de que as intervenções devam se dar de forma organizada e planejada, onde a relação da criança com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada. O elemento mediador é muito importante, e existem várias maneiras de se mediar, mas Vygotsky (1991) deu destaque a fala.

Vygotsky conceituou o complexo sistema cognitivo da criança que não se limita as experiências pessoais e sim parte delas para instigar o desenvolvimento e pelas interações socioculturais mediadas aprendem. E é por meio dessa teoria construtivista que na década de 1980, começa a surgir no mundo várias pesquisas e teorias a cerca da alfabetização, com o

cerne no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. E os métodos: fônico e silábico e principalmente as cartilhas passam a ser analisados, criticados e condenados.

Nesse período, a busca por redefinir a alfabetização traz importantes contribuições. A psicogênese da língua escrita, desenvolvida por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, é uma delas. O conceito de analfabetismo funcional que caracteriza as pessoas que se apropriaram das habilidades de reconhecer letras, números, seu nome e algumas sílabas, mas, no entanto não fazem uso da leitura e da escrita em diferentes contextos sociais. É mais uma contribuição.

Assim, na década de 1990, o conceito de alfabetização passa a ser vinculado a outro fenômeno: o letramento. Soares (2003), o termo letramento é a versão para o Português da palavra de língua inglesa literacy, que significa “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever” (p. 17). No Brasil, o termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela.

...alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2003, p. 47)

Portanto deve-se considerá-las como ações simultâneas, pois mantêm entre si reciprocidade. Soares (2003) mostra que, esse processo leva o indivíduo a ser capaz de estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas com grafemas. Portanto o aprendizado só ocorre de maneira efetiva se ele se fizer em situações sociais que propiciem práticas de uso.

São muitas, as pesquisas que apontam as possibilidades para alfabetizar com a diversidade de gêneros textuais, onde os educandos são incentivados e estimulados a produzir e a interpretar textos de circulação social, buscando compreender seu uso. A concepção psicogenética contribuiu para essa mudança de paradigmas na aquisição da linguagem escrita.

...a concepção psicogenética alterou profundamente a concepção do processo de aquisição da língua escrita, em aspectos fundamentais: a criança de aprendiz dependente de estímulos externos para produzir respostas que, reforçadas, conduziram à aquisição da língua escrita – concepção básica dos métodos tradicionais de alfabetização – passa a sujeito ativo capaz de construir o conhecimento da língua escrita, interagindo com esse objeto de conhecimento; os chamados *pré-requisitos* para aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança “pronta” ou “madura” para ser alfabetizada – pressuposto dos métodos tradicionais de alfabetização –, são negados por essa visão interacionista que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção das estruturas cognitivas, na relação da criança com o objeto “língua escrita”. (SOARES, 2011, p. 89)

Na perspectiva da alfabetização percebida como um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético de escrita. Na qual, para aprender a ler e a escrever, o educando necessita vivenciar situações desafiadoras, que o levem a refletir sobre o uso da língua através dos textos vinculados no cotidiano. Dessa forma estes podem aprender muito sobre a escrita. E para isso, é preciso oportunizar e estimular que a criança escreva mesmo quando ainda não se sabe, pois permite que a mesma confronte hipóteses sobre a escrita e pense em como ela se organiza, o que representa, para que serve.

Torna-se imprescindível para a alfabetização e o letramento a leitura e a produção de diferentes gêneros textuais. No entanto, é importante que, estes sejam significativos, procurando atender a finalidades diferenciadas e valorizando a maneira que os educandos se comunicam, levando-os a reflexão de que em determinada situação sua forma de falar e/ou escrever deverá sofrer alterações. Enfim, trabalharmos o ensino da nossa linguagem partindo da variedade que os educandos conhecem. Bortoni-Ricardo (2004 p. 74) “É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas.”

Entretanto, apesar de todas essas concepções, nos dias atuais no Brasil, ainda existe índices inaceitáveis de analfabetismo, e o que é mais grave, que muitos passaram pelo sistema de ensino e que, no entanto, não conseguem ler e escrever um texto simples, escrever um bilhete e preencher uma ficha.

### **Análise do educando W1, do terceiro ano, do ensino fundamental, da Rede Municipal de Goiânia**

De acordo com a Proposta Política Pedagógica, da escola pesquisada, a teoria que norteia a Proposta de alfabetização, do ciclo I, é a sociohistorica de Vygotsky. Os educandos atendidos pela instituição de ensino são crianças, adolescentes, jovens e adultos que moram e/ou trabalham nas proximidades da escola. São de famílias assalariadas em sua maioria de baixa renda dependendo do auxílio do Programa Bolsa família, do Governo Federal. Também há um grande número de crianças com necessidades educacionais especiais.

A análise a seguir foi pauta na produção de texto do educando W1, do terceiro ano, agrupamento C, do Ciclo I, do ensino fundamental, da Rede Municipal de Goiânia. O

educando foi observado e acompanhado pela pesquisadora desde seu primeiro dia escolar, sendo dois anos e meio.

Em sua análise documental, observa-se que em seu primeiro ano escolar W1 apresentou muitas dificuldades na aprendizagem, após um ano escolar ele ainda confundia letras com números, mas conseguia identificar seu nome. Nas hipóteses de escrita produzia alguns símbolos e letras do seu nome usadas de forma aleatória. No seu segundo ano ainda apresentou um baixo desempenho, mas passou a reconhecer e identificar algumas letras e em suas hipóteses de escrita começou a escrever seu primeiro nome com autonomia, porém com omissão e troca da ordem de algumas letras. Agora em seu terceiro ano escolar observa-se que a criança progrediu pouco, no entanto conseguiu ler algumas palavras pequenas, de sílabas simples que fazem parte do seu cotidiano, demonstrou compreender a linguagem não verbal, recontando histórias por meio da linguagem oral. Suas hipóteses de escrita ainda se dão pelo uso de algumas letras colocadas de forma aleatória.

Assim, percebe-se que o educando em suas hipóteses de leitura encontra-se em processo pré-silábico e na escrita ainda encontra-se na garatuja.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa encontra-se em fase de conclusão.

### **Referências**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nós chegamos na escola, e agora?: Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Interleções com a filosofia educacional de Paulo Freire: a formação de professores na perspectiva etnográfica**. Artigo apresentado por exigência para a conclusão da disciplina Pensamento Pedagógico Brasileiro (2011/2), do Curso de Doutorado em Educação, da Universidade de Brasília (UNB), sob a orientação da profa. Dra. Maria Abádia da Silva.

- JAEGER, Wener Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira; adaptação para edição brasileira Mônica Stahel; ver. do texto grego Gilson César Cardoso de Souza. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MATALLO Jr., Heitor. **A explicação científica**. In: CARVALHO, M. C. M. (org.) *Construindo o saber – Metodologia Científica: fundamentos e técnicas*. 7 ed. Campinas : Papyrus, 1998.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Spione, 1993.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky – Uma perspectiva Histórico-Cultural da educação**. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed., 7ª reimpressão. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. 6ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.
- VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1991.